



# *Discurso de Posse*

Página | 1

Belém (PA), 13 de agosto de 1981.



Discurso proferido pelo novo sócio efetivo

*José Lopes de Oliveira*

*Por ocasião de sua posse da Cadeira Nº 35, patronímica de Raymundo Avertano Barreto da Rocha*



Prezados consócios

Quando, em princípios de 1965, foram discutidos e aprovados os novos Estatutos e o Regimento Interno deste Instituto, coube, por ordem alfabética, a RAYMUNDO AVERTANO BARRETO DA ROCHA, o patronato da Cadeira número 35. Paraense de boa cepa, neto de ANTONIO BARRETO, uma das expressivas figuras do movimento da independência do BRASIL em BELÉM, nasceu AVERTANO nesta cidade, em 27 de outubro de 1883, e faleceu no primeiro ano do decênio de 60, mais precisamente em 28 de outubro - um dia após haver completado 77 anos de uma vida muito bem vivida. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do RECIFE, doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do PARÁ; professor, por concurso, da cadeira de Filosofia, Psicologia e Lógica, no Ginásio PAES DE CARVALHO, e de outras matérias em vários colégios desta cidade; membro e presidente da Academia Paraense de Letras, onde ocupou a Cadeira número 11; fundador e presidente do Instituto de Medicina do Pará; um dos fundadores da Faculdade de Ciências Econômicas e Atuariais do Pará; esta gama de títulos, cargos e encargos, aos quais acrescentava ainda seu escritório de advocacia, seu consultório médico e o exercício de cargos públicos de relevo, como o de Procurador Geral do Estado, demonstra bem a múltipla atividade do patrono e ocupante da Cadeira nº 35 no Instituto onde por largos anos foi vice-presidente. Viuvo e casado segunda vez, foi pai de prole numerosa que hoje, em grande parte, divide-se entre BELÉM e RECIFE.

Não conheci AVERTANO DA ROCHA, e é bem difícil a visualização de alguém que não conhecemos senão por fotografia ou pela ressonância do nome na imprensa. Tive, porém, o prazer de conhecer pessoalmente o saudoso Dr. AUGUSTO ALMÁQUIO BARRETO DA ROCHA, o estudante do primeiro ano de medicina que, em 1929, assistiu a entrega do diploma de médico a seu pai AVERTANO, pelas mãos do professor CAMILLO SALGADO.

AUGUSTO ROCHA, ele mesmo cientista de reconhecida capacidade, especializado no combate do Mal de Hansen, relatou-me, nos intervalos das recordações de suas andanças pelo AMAPÁ e pelo MARANHÃO, o respeito que lhe impunha seu pai, por uma atividade diária incessante - o que me foi confirmado pelo professor SILVEIRA NETO ao mencionar-me que, já em idade avançada, o velho mestre iniciava seu dia de trabalho às



sete horas da manhã, para terminá-lo depois de onze horas da noite.

" Lecionando, medicando, interpretando leis e corrigindo projetos de leis, assistindo às sessões da Academia, atendendo aos deveres da presidência do Instituto de História da Medicina, exercendo, na prática, a presidência <sup>HISTÓRICO</sup> deste Instituto, mesmo quando era apenas vice-presidente, meu pai," - dizia AUGUSTO, com uma doce ironia e o triste sorriso que lhe era peculiar - " ainda tinha tempo de decorar o nome de seus quinze filhos !..."

Sua convivência com FARIAS BRITO, seu colega como promotor da capital por um breve período, além de proporcionar-lhe a marca de um positivismo moderado, proporcionou àquele a ocasião de demonstrar-lhe seu apreço, ao prefaciá-lo os " Ensaaios de Processualística Criminal "; seu doutoramento em medicina basou-se em tese que ainda hoje é tida como uma curiosidade: " Etiologia e Psicopatologia do Tédio Mórbito "; seu último trabalho em livro, publicado em 1958, versou sobre " Aspectos da Comunidade Luso-brasileira no Pará "; essas obras e vários artigos esparsos, foram a herança cultural que AVERTANO DA ROCHA deixou a seus filhos.

Como membro deste Instituto, seu elogio foi feito, melhor do que por qualquer outro, pelo consócio RAYMUNDO PROENÇA, orador oficial, por ocasião da inauguração dos retratos de ABELARDO CONDURU e dele próprio, já no 24º aniversário da reestruturação da entidade, em 1941, e que disse:

" O cargo, para ele, não tem sido meramente decorativo. Sua ação dinâmica no exercício da função, não se limita a simples eventualidade de substituto de ABELARDO CONDURU. Pela dedicação com que aceitou o posto de sacrifícios que lhe foi confiado, faz-se dos mais laboriosos operários desta obra, cheia de trabalhos rudes, que executa com amor, recomendando-se à benemerência de seus pares... É diária a sua assistência à operosidade que aqui se processa, muitas vezes em prejuízo de interesses particulares. Age como simples obreiro, mais do que mestre que realmente é.... "

Ao dr. CLÓVIS MEIRA agradeço a cessão de um seu artigo biográfico sobre AVERTANO que, amigo de seu pai AUGUSTO MEIRA, foi também seu amigo. Dele retirei quase todos os dados aqui mencionados e mal costurados.

oooooooooooooooo



O segundo ocupante da Cadeira n° 35, foi JOSÉ LEÔNIDAS SAMPAIO DE CAMPOS RIBEIRO, maranhense de nascimento e paraense de criação. Nas- cido em 28 de janeiro de 1901, em SÃO LUIS, e vindo para BELÉM, com seus pais cinco anos depois, só voltou à terra natal eventualmente, uma das vezes quando foi eleito membro da Academia Maranhense de Letras. Seus amores por BELÉM, e muito particularmente pelo UMARIZAL, expres- sou-o com o rigor de detalhes exigido por toda crônica, no punhado de- las que é " Gostosa Belém de Outroba ". Não têm data esses escritos, mas foram produzidos ao longo de quase meio século de jornalismo.

Poeta, cronista e orador, foram esses atributos que lhe abri- ram as portas da Academia Paraense de Letras, moço ainda, em 1937, e da qual foi secretário, vice-presidente e presidente por duas vezes. Foi eleito sócio deste Instituto em data que não pudemos precisar se- ão como tendo sido anterior ao ano de 1963, pois no triênio 1963-1965 foi o orador oficial da entidade, depois do que ocupou a presidência de sua Assembléia Geral.. Ingressou no Conselho Estadual de Cultura em 1968, quando da escolha pelo Governador do Estado, dos quinze, digo, quinze primeiros membros que o comporiam.

Durante trinta anos, DE CAMPOS RIBEIRO fez parte do corpo de redação de " O ESTADO DO PARÁ ", mas sua aprendizagem jornalística foi feita em " A PROVÍNCIA DO PARÁ ", em sua primeira fase. Profissional de corpo inteiro, foi o primeiro presidente do Sindicato dos Jornalís- tas do Pará e exerceu também o cargo de diretor da Associação Paraense de Imprensa; da União dos Escoteiros do Pará, que tão belas personali- dades formou em Belém, DE CAMPOS fez parte como diretor; foi por lar- gos anos diretor cultural do Círculo Militar de Belém e, ainda, parti- cipou da " Alliance Française ", no cargo de vice-presidente.

Personalidade singular ! Formado em agronomia pela Escola de Agronomia e Veterinária do Pará, em 1931, DE CAMPOS RIBEIRO não exer- ceu a profissão, preferindo firmar sua base econômico-financeira no serviço público, como projetista de construção naval da nossa Marinha de Guerra, aposentando-se em 1962, com mais de quarenta anos de servi- ço. E fez, também, sua digressão pela administração pública, quando ocu- pou a Secretaria Estadual de Educação, no governo ZACARIAS DE ASSUNÇÃO, aí não demorando porque, ao que parece, seu temperamento não se adap- tou às " dificuldades " da política partidária.

Ele próprio, DE CAMPOS, dizia-se não um historiador, mas um poeta. Disso não temos dúvida, mas que não era - ou não poderia ter sido historiador, - descremos: primeiro, porque a poesia foi a forma inicial da história, da transmissão oral do que aconteceu, da tradução da suma popular, da saga, da memória do povo; segundo, porque a análise literá- ria borda e aborda a história, quando feita acerca da obra intelectual do passado. E isso faz DE CAMPOS QUANDO ESTUDOU E CRITICOU A OBRA DE



OLAVO NUNES e de PAULO BARRETO. Aí está, confirmando sua vocação histórico-literária, o seu " GRAÇA ARANHA E O MODERNISMO NO PARÁ ", tão bem recebido pelos que comemoraram o <sup>qu</sup>centenário do modernismo no BRASIL, em 1972. Historiando o evento cultural, o vate aproveita a pena de AB-GUAR BASTOS para afirmar que " o verdadeiro poeta é aquele que não tem escolas ", repudiando, assim, a moldura fechada para a palavra, o encaixilamento da idéia, o enquadramento do verso. Seu compromisso foi com o parnasianismo, mas não recusou transitar pelo realismo... Mas, agora, minha apreciação corre o risco de provocar, de entendê-lo o que, de APELES, ouviu o sapateiro.

Em abril de 1977, a Morte deu seu aviso a DE CAMPOS que, porém, não se abateu diante das dificuldades de locomoção que uma trombose lhe impôs, já que a mente permanecia lúcida. E até a poucos dias da última viagem, comparecia, com sacrifício mas com satisfação, a cumprir os encargos culturais para os quais era convocado.

Na madrugada do dia 28 de setembro de 1989, expirou. Não sei se suas condições fisiológicas o permitiram, mas acreditamos todos que cumpriu em espírito sua promessa:

" hei de partir sereno, na alegria  
do riso calmo que a meu lábio assume."

oooooooooooooooooooo

Essas as duas pessoas cujas marcas mais salientes de suas vidas tentei traçar, com o objetivo de ressaltar a honra que me foi feita pela maioria dos membros deste Instituto, ao colocar-me na mesma cadeira por eles tão dignificada. Cabe-me, porém, informar aos ilustres consócios que, sem intenção de decepcioná-los, dificilmente poderei colocar-me à altura do polímata e do poeta que me antecederam. E isso porque, na classificação de LÚCIA MIGUEL PEREIRA, citada por JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TORRES, sou apenas um consumidor de cultura, e não um produtor ou mesmo mero transmissor.

oooooooooooooooooooo

Pois é exatamente como consumidor de cultura que me sinto autorizado a aproveitar este momento, neste Instituto, para uma interrogação que há muito tempo mantém-se presente em minha mente: por que tão pouco repercute o ensino de História e Geografia de nosso Estado ?

EIDORFE MOREIRA, em dois excelentes artigos publicados nos números 16/17 e 26/27 da " Revista de Cultura do Pará ", mostra que o último livro didático dedicado à Geografia, " Noções de Orografia do Estado do Pará " de TEODORO BRAGA, foi editado em 1919, enquanto que



" Pontos de História do Pará ", de RAYMUNDO PROENÇA, e " Noções de História do Pará ", de ERNESTO CRUZ, ambos de 1937, são as últimas obras didáticas referentes ao tema. Poderia ter sido considerado o trabalho de JORGE HURLEY, " Noções de História do Brasil e do Pará ", publicado no ano seguinte, mais adaptado, porém, ao curso secundário, além de mais abrangente. Depois dessas datas, qualquer obra de ambos os temas - História ou Geografia - tida como didática, não pode ser considerada como tal.

Ora, se existe falha no ensino básico, irá ela indubitavelmente refletir-se no curso superior que, forçosamente, terá de dedicar grande parte da carga horária à parte discursiva e descritiva, negligenciando a teoria e a metodologia das matérias em causa. Daí, a inexistência de uma grande obra geográfica original, produzida em nossos tempos, por paraense, no Pará. Já a história tem cultores que, porém, por falta de conhecimentos metodológicos tem sua obra muito prejudicada, seja por deficiência heurística, seja por vícios de interpretação. No primeiro caso, lembramos a história da Cabanagem, até hoje apoiada praticamente em uma única fonte; no segundo caso, a participação do Pará na guerra contra o Paraguai, tida como insignificante, devido à escassa exposição dos abundantes dados existentes.

No entanto, dois recentes apelos que ouvi neste mesmo recinto, na palavra sempre fascinante da professora MARIA ANUNCIADA, e no discorrer sempre fluente do professor SILVEIRA NETO, dão uma orientação, apontam uma direção, que ao Instituto será não somente útil, mas até necessária: pediu-se à juventude um maior interesse pelo nosso passado, e solicitou-se em termos discretos, maior atividade por parte de nossos consócios.

Creio que ambos têm razão.

No que toca à nossa mocidade, a que está cursando a Universidade ou já diplomou-se em história ou geografia, parece-me ela vítima do próprio programa oficial que, como já mencionei, ocupa uma extensa área com temas que deveriam ter vindo amplamente conhecidos dos bancos dos ciclos anteriores de ensino. E, depois, tanto à história como à geografia, tanto ao formando como ao formado, falta, ao que me parece, uma melhor oportunidade de aperfeiçoamento e aplicação dos conhecimentos adquiridos.

No que concerne aos consócios, pessoas realizadas em suas respectivas profissões, com inúmeros afazeres a atender, sem se sentirem estimulados, não apreendem, penso, o quanto podem influir junto a essa juventude, apenas pelo ato de presença, pela mão estendida, pela recomendação de uma palavra.

Explico-me:

Na Universidade Federal do Pará ( como exemplo, extensivo a outras faculdades ), com períodos quase idênticos dedicados ao ensi-



-no e à aprendizagem, a ANTROPOLOGIA apresenta-se com um resultado prático surpreendente, em comparação com a HISTÓRIA ou a GEOGRAFIA. É que, a par da assistência, da dedicação e da constância dos professores das três matérias, existe a ocorrência de um "laboratório" interno na Universidade e um "laboratório" externo no MUSEU GOELDI, para os estudantes de Antropologia, que ali encontram acolhida dos mestres para o aperfeiçoamento do que sabem, ou a aplicação do que lhes foi ensinado. E, então, sente o antropólogo o interesse pelo sucesso de sua aprendizagem, e facilitam-se-lhes meios de pesquisa e de transmissão de conhecimentos. Diria eu que acontece, a eles, a alegria da pesquisa com a esperança da descoberta.

Tal não se dá em relação ao historiador ou ao geógrafo: morre o entusiasmo dos professores e alunos, que apenas enfrentam "tarefas e locais de trabalho a prazo certo" - isto é, a sala de aulas - sem nada que se possa equiparar a um "laboratório", no sentido que aqui estou dando à palavra, onde possam eles fazer suas pesquisas, debater os resultados ou experimentar teses. Fora de seu departamento na escola, encontram apenas a fléza do arquivista, do bibliotecário, e indiferença dos que poderiam ser seus orientadores.

A promoção do estudo, o estímulo ao desenvolvimento, a difusão dos conhecimentos geográficos e históricos, particularmente da AMAZÔNIA, o incentivo às explorações geográficas e às investigações históricas e antropológicas, são encargos estatutários deste Instituto. Nada mais acertado, portanto, de que nele esteja o "laboratório" que está faltando aos estudiosos da história e da geografia regionais. O prestígio da vivência, o tirocínio pelo caminho já percorrido, a presciência na localização de documentos, a memória para a data e a fácil reconstituição do itinerário para o sítio histórico, são os trunfos que os componentes deste Instituto poderão oferecer, na permuta pelo entusiasmo na pesquisa, pelo vigor na inquirição, pelo desempenho na dedução e pela enérgica atividade física dos jovens alunos e professores, em uma colaboração mútua na qual revigorar-se-á a história e a geografia paraenses, em uma simbiose do conhecer dos antigos e da imaginação dos novos. Remoça-se o Instituto e amadurecem os futuros historiadores e geógrafos do Pará.

Mas, em alternância com esse proceder, dentro do mesmo sadio objetivo, nada mais revigorante do que a realização de reuniões periódicas, amudadas, para estudo de casos históricos e de dúvidas geográficas, onde se encontrem à mesma mesa jovens inciantes e velhos estudiosos. Quem sabe que novos argumentos poderão surgir a favor ou contra questões sempre controversas, das quais podemos citar algumas: o quantitativismo - agora em moda - na história e na geografia; a contribuição que poderá dar à história regional a teoria cíclica iniciada em VICO, continuada em SPENGLER e admiravelmente atualizada em TOYNBEE;



o determinismo geográfico e, mais particularmente, a teoria climática de HUNTINGTON, para comprovação positiva ou negativa na nossa AMAZÔNIA; a história como previsão do futuro, como a querem RANKE, MEINECKE, MARX, entre tantos outros, ou como não querem outros tantos como CROCE, MARROU ou ORTEGA Y GASSET, aqueles adeptos da história científica, estes colocando o livre arbítrio do homem como responsável por seu destino; e até, numa questão muito pessoal, a habilitação do militar para escrever a história castrense com base em seus conhecimentos técnicos, apesar do despreparo teórico que, como acusa JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, implica em não saber valorizar as fontes, ou a falta de habilitação do historiador civil que, com sua ~~arma~~ armadura metodológica não consegue superar as incógnitas do jogo da guerra; e, já que nos referimos a JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, por que não participar da discussão por ele trazida à tona, em seu último livro - FILOSOFIA E HISTÓRIA - da diferente consideração que nos devem merecer a tradição, a memória e a história?

Mas, hesito e pergunto, não seria para todos nós uma bela surpresa se, durante os debates, constataremos que, afinal, estamos enganados, pois a nova geração, por seus argumentos e intervenções poderá demonstrar não existir a anorexia histórica e geográfica entre eles, como, "a priori" estamos julgando? E que, então, poderá marchar conosco - os do Instituto - lado a lado, ombro a ombro, e, dissipada a hesitação de um lado e a desconfiança de outro, contribuir, em igualdade de condições, para um renascimento, para um reconhecimento da nossa terra e da nossa gente?

oooooooooooooooooooo

Esta é a minha mensagem ao tomar posse da Cadeira nº 35 deste Instituto, mensagem que é, também, um compromisso de servir aos consócios e aos jovens que acreditarem nela, parecendo-me esta a maneira mais consentânea de agradecer aos que em mim confiaram.

13 de agosto de 1981

Meu muito obrigado.

*José Lopes de Almeida*